



O QUE NOS TORNA HUMANOS? ANALISANDO O DISCURSO IDEOLÓGICO PRESENTE NA ANIMAÇÃO *O CORCUNDA DE NOTREDAME*

WHAT MAKES US HUMAN? ANALYZING THE IDEOLOGICAL DISCOURSE PRESENT IN THE ANIMATION THE HUNCHUP OF NOTREDAME

¿QUÉ NOS HACE HUMANOS? ANALIZANDO EL DISCURSO IDEOLÓGICO PRESENTE EN LA ANIMACIÓN EL JOROBADO DE NOTREDAME

 **Pedro Weslei de Oliveira Silva**

Mestre

Universidade Regional do Cariri -URCA 

Crato, Ceará – Brasil.

wesleipedagogia@gmail.com

 **Maria Dulcinea da Silva Loureiro**

Doutora

Universidade Regional do Cariri -URCA 

Crato, Ceará – Brasil.

mDSLou@uol.com.br

Resumo: O cinema pode ser uma fecunda ferramenta pedagógica, por possibilitar tanto a fruição estética, como para estabelecer diálogos com alunos acerca dos conteúdos e/ou temáticas. No entanto, não podemos esquecer que os filmes também, podem contribuir para reprodução de ideologias estereotipadas e preconceituosas. Não se deve negligenciar que o filme está presente no cotidiano escolar, sendo usado com uma certa frequência para ajudar ou divertir estudantes na compreensão de determinados assuntos. Nessa perspectiva advogamos, nesse ensaio, a necessidade de uma apropriação crítica dos filmes por professores e estudantes que os possibilite identificar os aspectos ideológicos subjacentes nas narrativas. Objetivamos analisar a animação *O Corcunda de Notredame* que é uma adaptação da obra de Vitor Hugo, discutindo alguns aspectos ideológicos que a permeiam como: xenofobia, capacitismos e machismo/objetificação do feminino. Na animação a dualidade entre humanidade e animalidade se entrelaçam a partir da relação que estabelece entre ética e estética, ao questionar a analogia entre o feio/belo com o mal/bem, realiza um deslocamento de uma posição que relaciona o feio (nesse caso, o deformado) com o mal/monstruoso e o belo com a bondade. Desse modo, a animação nos leva a questionar: o que nos torna humanos?

Palavras-chave: ideologia; cinema; xenofobia; capacitismos; humanização.

Para citar - (ABNT NBR 6023:2018)

SILVA, Pedro Weslei de Oliveira; LOUREIRO, Maria Dulcinea da Silva. O que nos torna humanos? analisando o discurso ideológico presente na animação *o corcunda de notredame*. *Eccos - Revista Científica*, São Paulo, n. 71, p. 1-15, 27567, out./dez. 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.5585/eccos.n71.27567>



Abstract: Cinema can be a fruitful pedagogical tool, as it enables both aesthetic enjoyment and the ability to establish dialogues with students about content and/or themes. However, we cannot forget that films can also contribute to the reproduction of stereotyped and prejudiced ideologies. It should not be neglected that the film is present in everyday school life, being used with a certain frequency to help or entertain students in understanding certain subjects. From this perspective, we advocate, in this essay, the need for a critical appropriation of films by teachers and students that enables them to identify the ideological aspects underlying the narratives. We aim to analyze the animation *The Hunchback of Notre Dame*, which is an adaptation of Vitor Hugo's work, discussing some ideological aspects that permeate it, such as: xenophobia, ableism and machismo/objectification of the feminine. In animation, the duality between humanity and animality are intertwined based on the relationship established between ethics and aesthetics, by questioning the analogy between ugly/beautiful with evil/good, it displaces a position that relates ugly (in this case, the deformed) with evil/monstrous and the beautiful with goodness. In this way, animation leads us to question: what makes us human?

Keywords: ideology; movie theater; xenophobia; capabilities; humanization.

Resumen: El cine puede ser una fecunda herramienta pedagógica, ya que posibilita tanto la apreciación estética como el establecimiento de diálogos con los estudiantes acerca de contenidos y/o temáticas. Sin embargo, no podemos olvidar que las películas también pueden contribuir a la reproducción de ideologías estereotipadas y prejuiciosas. No se debe descuidar el hecho de que el cine está presente en la vida cotidiana escolar, utilizándose con cierta frecuencia para ayudar o entretener a los estudiantes en la comprensión de determinados temas. Desde esta perspectiva, en este ensayo abogamos por la necesidad de una apropiación crítica de las películas por parte de profesores y estudiantes, que les permita identificar los aspectos ideológicos subyacentes en las narrativas. Nuestro objetivo es analizar la animación *El jorobado de Notre Dame*, una adaptación de la obra de Víctor Hugo, discutiendo algunos aspectos ideológicos que la atraviesan, tales como la xenofobia, el capacitismo y el machismo/objetificación de lo femenino. En la animación, la dualidad entre humanidad y animalidad se entrelaza a través de la relación que se establece entre ética y estética. Al cuestionar la analogía entre feo/bello y mal/bien, se realiza un desplazamiento que desvincula lo feo (en este caso, lo deformado) del mal/monstruoso y lo bello de la bondad. De este modo, la animación nos lleva a reflexionar: ¿qué nos hace humanos?

Palabras clave: ideología; cine; xenofobia; capacitismo; humanización.

1 Introdução

*“Então parece que correamos o tolo errado!”
Esmeralda*

Nesse ensaio, nos propomos a analisar a animação *O Corcunda de Notredame*¹ apontando os aspectos ideológicos como também representações do feminino, xenofobia e capacitismos retratados no filme. Partir-se-á do pressuposto de que é preciso compreender essas obras cinematográficas não só como elementos produzidos culturalmente e do qual a sociedade deveria se apropriar, mas também, como reprodutores de discursos ideológicos que precisam ser compreendidos de maneira crítica.

Nessa perspectiva, perpetraremos uma defesa da importância da exibição de filmes² em ambiente escolar como uma ferramenta pedagógica que pode proporcionar que professores mediem diferentes temas e proporcionem vivências e debates dos componentes ideológicos veiculados e, concomitantemente, o acesso e a fruição aos bens culturais as crianças e jovens que o cinema pode proporcionar.

Para podermos pensar os aspectos ideológicos presentes na animação é necessário esclarecermos em qual concepção de ideologia nos apoiaremos. Assim, entenderemos ideologia como um conjunto de ideias, crenças e valores que buscam explicar o real, moldando a forma como compreendemos, explicamos essa realidade. Para Marx, na sociedade de classes, a ideologia realiza um mascaramento, ocultação da realidade o que produz uma falsa consciência, nessa perspectiva Libâneo afirma:

Além disso, a minoria dominante dispõe de meios de difundir sua própria concepção de mundo (ideias, valores, práticas sobre a vida, o trabalho, as relações humanas e etc.) para justificar seu modo, o sistema de relações sociais que caracteriza a sociedade capitalista. Tais ideias, valores e práticas, apresentados pela minoria dominante como representativos dos interesses de todas as classes sociais, são o que se costuma denominar de ideologia. O sistema educativo, incluindo as escolas, igrejas, as agências de formação profissional, os meios de comunicação de massa, é um meio privilegiado para o repasse da ideologia dominante. (1994. p.20)

Desse modo, na concepção marxista, a ideologia se refere à consciência deformada da realidade que se dá através da ideologia dominante, Marx e Engels começam a ligar produção de ideias à relação entre classes, ou seja, a classe dominante da época impõe não apenas dominância econômica, mas também ideológica, camuflada como formas de agir impostas pela classe dominante, que vêm travestidas de verdade.

¹ A animação é uma adaptação para o cinema da história escrita por Vitor Hugo no século XIX na França.

² Já estamos produzindo materiais que buscam relacionar cinema, educação e ideologias desde a graduação e passando pela pós graduação, sobretudo analisando filmes como *a Bela e a Fera*, *Cinderela*, *A pequena Sereia*, *Shrek* e *a Princesa e o Sapo*.

Dialogando com Gramsci, partiremos do pressuposto de que existem ideologias, que não se resumem a uma consciência deformada da realidade, ou uma falsa consciência, Gramsci afirma que há ideologias e distingue as que são

historicamente orgânicas, isto é, que são necessárias a uma determinada estrutura, e ideologias arbitrárias, racionalistas, “desejadas”. Na medida em que são historicamente necessárias, as ideologias têm uma validade que é validade “psicológica”: elas “organizam” as massas humanas, formam o terreno sobre o qual os homens se movimentam, adquirem consciência de sua posição, lutam, etc.” (1991, p. 62-63)

Althusser defende que o discurso ideológico é veiculado na sociedade pela escola, igreja, família, meios de comunicação de massa, política, associações, sindicatos que denomina de Aparelhos Ideológicos do Estado – AIE. Ao difundir a ideologia dominante esses aparelhos asseguram a hegemonia do Estado e a manutenção do *status quo*. Gramsci alerta que os discursos ideológicos circulam e disputam hegemonia, nessa perspectiva o cinema é, ao mesmo tempo, uma ferramenta poderosa de inculcação ideológica, mas também pode se transformar em uma potente arma contra ideológica ao ser trabalhado de forma crítica.

Na animação *o Corcunda de Notre Dame*, podemos trabalhar, entre outras questões retratadas, o machismo, a xenofobia e capacitismos buscando compreendê-los a partir da narrativa e da realidade em que estamos inseridos.

2 Animações como ferramenta pedagógica

O emprego de histórias por professores sejam elas lidas, contadas, interpretadas ou assistidas é uma prática corriqueira nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Docentes fazem uso delas para mediar determinados conteúdos, ampliar o repertório de gêneros textuais das crianças ou até mesmo para entretê-las. O fato é que a Literatura infantil em geral está presente no cotidiano escolar de maneira bem ativa e por vezes pouco crítica.

Partiremos do princípio de que a literatura infantil enriquece a formação das crianças e jovens, a partir da contação de histórias, lidas em livros (pelas crianças, professores, adultos), apresentadas em teatros de dedoches, fantoches e/ou palitoches exibidas com o objetivo de trabalhar a criatividade e imaginação, divertir. Concordamos com Azevedo (2014) quando enfatiza que:

Se é verdade que as crianças, pela sua ainda reduzida experiência de interação com textos, parecem encontrar na literatura infantil, independentemente do grau de inovação que ela manifeste, os lugares para uma iniciação à ludicidade do estranhamento e da surpresa, espera-se que esses textos as auxiliem a desenvolver e a aprofundar a sua competência literária, facto que só poderá ser adequadamente conseguido se eles, não reiterando excessivamente experiências semióticas já conhecidas dos seus leitores, contribuírem, de facto, para um alargamento do conhecimento dos seus quadros de referência intertextuais. (p. 24)

A adaptação da literatura para o cinema que se inicia em 1886, com a adaptação do livro “Trilby e o pequeno Bilee?”³, e do curta de “Cinderela” em 1899 filmado por Georges Méliés tem se intensificado, muitas obras literárias foram adaptadas para a linguagem fílmica e estão adentrando o espaço escolar. A linguagem cinematográfica nesse espaço escolar “[...] possibilita uma formação, podendo conversar em diversas frequências de saberes, aproximar a prática educacional do que está ausente ou mesmo proibido do fazer pedagógico e submeter às coisas do mundo aos alunos”. (Lanza, 2015, p. 21).

3 O corcunda e a xenofobia

A obra literária “O Corcunda de Notre Dame” de Vitor Hugo, não foi escrita diretamente para crianças, porém, posteriormente foi adaptada como animação e direcionada ao público infanto-juvenil. Antes de iniciarmos qualquer tipo de discussão sobre o filme, faz-se necessário um pequeno resumo do que acontece na adaptação do conto⁴.

A história se passa na França durante a idade média, onde o vilão do filme o juiz eclesiástico Frollo ao perseguir um grupo de ciganos acaba por matar uma cigana que carregava consigo seu filho no colo. Frollo decide então, assassinar também a criança, ao ver que, em suas palavras, o bebê era alguém “deformado”, antes de cometer mais este crime, o padre da cidade o impede e diz que agora a criança é de sua responsabilidade e que, a partir de então, deveria cria-lo como seu filho. Frollo aceita, com a condição de que essa criança more na catedral de Notre-dame e não na sua casa.

³ A película retrata uma cena (22 minutos) da obra escrita por Gerald Du Maunier .

⁴ A adaptação da obra de Vitor Hugo realizada pelos Diretores: Gary Trousdale, Kirk Wise com roteiro de Jonathan Roberts. Data de lançamento no Brasil em 28 de junho de 1996.

Figura 1 - Quasímodo cantando, dançando e se pendurando



Fonte: https://r2.padrepaularicardo.org/uploads/post/share_image/2412/quasimodo-frame.jpg. Acesso em 11 de março de 2024.

O tempo passa, o menino é batizado de Quasímodo (meio formado) e fica responsável pelo campanário da catedral. Seu mestre (Frollo) o impede de sair da igreja, alegando que o mundo é muito perigoso para alguém atípico como ele. Quasímodo aceita as ordens de Frollo de não sair e observa toda a cidade do alto de sua “prisão”. Porém, um dia, durante o festival dos Tolos, Quasímodo decide visitar o festival e se depara com muitas aventuras e encrencas. Cabe destacar que o juiz persegue o povo Cigano, os acusando de serem sujos, degenerados e que sua fé pagã é um problema para a França. Durante o filme essa perseguição aos ciganos é personificada em Esmeralda, que enfrenta Frollo e consegue ao final do filme junto a Quasímodo e do militar Febo derrotar Frollo e frear a perseguição aos de sua cultura.

Ao apresentar a perseguição e opressão que determinados povos sofreram e sofrem, neste caso, os ciganos, o filme é muito assertivo. Frollo acusa esse povo de estar pervertendo os demais cidadãos e os direcionando para uma fé que não seja a cristã ocidental. Em um determinado momento, Frollo dá ordens a Febo que os prendam, mesmo eles não tendo feito nenhum mal ou cometido nenhum crime a princípio, Febo se nega a acatar tal ordem e chega a falar que “não vai prender ninguém só porque lê mão ou advinha a sorte”.

Para melhor elucidar esse entendimento de xenofobia, faz-se necessário também estabelecermos discussões sobre as perspectivas do medo e do etnocentrismo, pois é mediante o medo do oculto, medo do diferente, medo do que não se conhece ou do diverso que pode se

gerar a intolerância, manifestada exclusivamente pela ignorância, onde não apenas se desrespeita, NÃO SE TOLERA SUA PRESENÇA! E essa intolerância aprendida e fomentada culturalmente, culmina em violências diversas como a xenofobia. Compreenderemos aqui o etnocentrismo como essa maneira de se ver o mundo partindo da sua própria cultura, unicamente pelo seu prisma social. Desse modo, tendemos a considerar nossa cultura (valores, padrões de comportamento, organização social...) como correta, justa, superior as demais, o que pode levar a discriminação, a intolerância religiosa e a xenofobia. No filme encontramos uma crítica muito severa a discriminação sofrida pelos ciganos.

A xenofobia retratada no filme a partir do personagem de Frollo que oprime, persegue, encurrala, difama e assassina o povo cigano encontra ressonância em muitos episódios na história da humanidade, o exacerbamento do etnocentrismo, nacionalismos, tem desencadeado perseguições a grupos e etnias por todo o planeta, em diferentes continentes e latitudes e justificado extermínios, genocídios. Podemos exemplificar com a perseguição aos judeus, os atos de grupos ultranacionalistas não apenas pregando ódio aos imigrantes, mas, em muitos momentos, os agredindo verbalmente e até fisicamente, o extermínio dos palestinos, o racismo estrutural ao povo negro. As ações de Frollo como incendiar casas, destruir o pátio dos milagres (lugar sagrado para o povo cigano), reproduzir palavras e discursos de ódio e mandar assassinar uma família que supostamente está escondendo ciganos são um espelho da realidade, nesse ponto a realidade pode ser mais cruel que a ficção, o que nos leva a questionar: quem de fato é um monstro?

Durante o filme vemos a dualidade entre humanidade e figura animal se misturarem, onde, mesmo o corcunda sendo chamado de monstro ou demônio apresenta atitudes muito humanizadas como compaixão, piedade e respeito, enquanto Frollo, juiz de direito, a princípio venerado e respeitado manifesta atos desumanizados como assassinato, perseguição e arrogância, instigando-nos a pensar: O que nos humaniza?

Várias são as respostas para esse questionamento, podemos nos apoiar na suposição de que o que nos diferencia dos outros animais seria a razão, por isso somos classificados de animais racionais em contraposição aos animais irracionais, não só estamos no mundo, mas, transformamos o mundo pelo trabalho, produzimos linguagem, cultura, num processo dinâmico nos constituímos, somos horizonte, seres inacabados, seres de liberdade. No entanto, nos humanizarmos vai muito além de apenas vivermos em sociedade, produzirmos uma língua, transformamos a nós e ao meio pelo trabalho. Nossa humanização, não está dada, deve ser conquistada e, na perspectiva de Freire está relacionado a sermos conscientes das nossas ações de forma a refletir criticamente sobre elas, buscando ações empáticas de que nos coloque

na posição de conseguirmos enxergar o mundo também com o olhar dos outros. Nos dizeres de Paulo Freire (2016) devemos aprender a pensar certo, para assim podermos agir certo. Mas o que significa esse pensar e agir certo? Para Freire, “certo”, mas do que uma questão de lógica, correção gramatical, semântica, é uma opção política, social, está diretamente relacionada com uma crítica a um modo de ser e estar no mundo, de organizar e distribuir a riqueza, desse modo, significa pensar como os oprimidos da terra, como os que não tem moradia, ter consciência do lugar social que ocupamos e que o outro ocupa e buscar transformar essa realidade.

A animação relaciona a estética e a ética, ao questionar a relação entre o feio/belo com o mal/bem, deslocando de uma posição que relaciona o feio (nesse caso, o deformado) com o mal/monstruoso e o belo com a bondade, a verdade, a narrativa nos levam a interrogar o que nos torna humanos? Nessa perspectiva, perpetra a defesa de que não é apenas a aparência, mas as ações que podem desumanizar. Como adverte Freire precisamos estar atentos “para a necessidade de assumirmos uma postura vigilante contra todas as práticas de desumanização” (2016. p. 13). Que Quasímodo o faz, ele acolhe Esmeralda, cuida de Febo ferido e ao final mesmo acorrentado, consegue se desprender e impede que Esmeralda seja queimada viva em uma fogueira em praça pública, para além de se tornar o herói da história, o Corcunda se apresenta como o mais humano entre os personagens.

Embora que, para Quasímodo, Frollo fosse seu pai, não é a partir dele que o Corcunda se educa, ele se educa a partir dos conselhos das gárgulas e da observação constante das relações humanas que consegue visualizar do alto da catedral. Sendo essa educação das gárgulas, uma educação para o enfrentamento, para o combate, uma educação progressista que visa não apenas o libertar-se numa perspectiva de rebeldia, mas de uma perspectiva emancipatória mostrando que a educação pode ocorrer em diferentes espaços, com diferentes atores. Desse modo, na animação a ação das figuras paternas e maternas, no caso, do Corcunda mais especificamente a paterna, não tem centralidade na sua formação enquanto cidadão, deslocando o eixo para a importância do meio social, e das vivências externas que estabelece (mesmo que o Corcunda estivesse preso na torre da igreja ele, a partir da observação do cotidiano e comportamento das pessoas vai se reconhecendo em sua humanidade). O que podemos inferir é que, é no decorrer da nossa vida, nas relações que são engendradas, na inserção na cultura, língua, trabalho, que estão dadas as possibilidades de nos humanizarmos ou não, em outras palavras, o fato de nascermos na espécie humana (como animais racionais) não garante por si só, nossa mais plena humanização.

O personagem de Quasímodo, mesmo sendo um prisioneiro na igreja, vivendo no cárcere, se sente muito grato pelos cuidados do juiz para com ele, não dimensiona sua situação de prisioneiro, está alienado da sua condição de liberdade, é grato por quem lhe aprisiona, ao que poderíamos indagar: por que não se revolta? Vê o mundo, mas não pode experimentá-lo, ou o experimenta a partir de fora, da sua exterioridade. Assistimos cotidianamente milhares de pessoas que, assim como Quasímodo, são “livres”, mas não podem usufruir das possibilidades da sua liberdade, são os excluídos, estão à margem da “liberdade” do mercado, na sociedade de consumo são prisioneiros da falsa liberdade que o mercado impõe. São os esfarrapados da terra, e assim como muitos de nossos estudantes de escola pública, tem muitos direitos negados, como saneamento básico, moradia, transporte público de qualidade, saúde, acesso aos bens culturais. Concordamos com Freire quando afirma:

Uma coisa me parece muito clara hoje: jamais tive medo de apostar na liberdade, na seriedade, na amorosidade, na solidariedade, na luta em favor das quais aprendi o valor e a importância da raiva. Jamais receei ser criticado por minha mulher, por minhas filhas, por meus filhos, assim como pelos alunos e alunas com quem tenho trabalhado ao longo dos anos, porque tivesse apostado demasiado na liberdade, na esperança, na palavra do outro, na sua vontade de erguer-se ou reerguer-se, por ter sido mais ingênuo do que crítico. O que temi, nos diferentes momentos de minha vida, foi dar margem, por gestos ou palavras, a ser considerado um oportunista, um “realista”, “um homem de pé no chão”, ou um desses “equilibristas” que se acham sempre em “cima do muro” à espera de saber qual a onda que se fará poder. O que sempre deliberadamente recusei, em nome do próprio respeito à liberdade, foi sua distorção em licenciosidade. O que sempre procurei foi viver em plenitude a relação tensa, contraditória e não mecânica, entre autoridade e liberdade, no sentido de assegurar o respeito entre ambas, cuja ruptura provoca a hipertrofia de uma ou de outra. (2016. P. 105)

Quando Quasímodo decide visitar o *Festival dos Tolos*, a população pensa que ele está usando uma máscara, mas na verdade é apenas o seu rosto. Porém, isso o faz vencer o torneio de máscara mais feia o coroando como rei dos tolos. E por um momento ele fica feliz em ser rei e ser valorizado, mas em um instante a situação se transforma e começam a atirar legumes nele, o amarrar e o agredir. Durante os atos de agressão, Esmeralda o salva e desafia Frollo, afinal, como pode um juiz ver tal situação e não fazer nada.

Figura 2 Quasímodo coroado Rei dos Tolos



Fonte: https://br.web.img3.acsta.net/r_1280_720/pictures/210/111/21011152_20130607174540971.jpg
Acesso em 11 de março de 2024.

A violência sofrida por Quasímodo nos leva a discutir a problemática do capacitismo que entenderemos aqui como o preconceito e/ou discriminação a pessoas atípicas, uma forma de menosprezar ou invalidar a ação de pessoas com necessidades especiais, difamando-os e os diminuindo, afirmando de maneira pejorativa que eles não são capazes de realizar alguma tarefa ou de estarem em ambientes socializáveis. Quasímodo tem muitas virtudes, assim como todos os nossos estudantes de escolas públicas têm potencialidades seja em características físicas, motoras, afetivas, sociais ou cognitivas bastante elevadas que podem fazer com que eles furem a bolha social e consigam ir um pouco além dos colegas, mas, muitas vezes preferimos canalizar essas potencialidades para exercícios demasiadamente simples e sem estímulos para eles, (como apenas tocar o sino). Precisamos enquanto escola expandir a capacidade de nossos alunos, se não for viável, pelo menos criar condições para que eles se desenvolvam o máximo possível e isso com todos os alunos. Ninguém é igual a ninguém no processo educacional, mas precisamos reconhecer essas potencialidades e partir delas para uma efetiva ação docente. Afinal:

Não são as leis, nem os políticos, nem os empresários, nem os diversos Fantasmas que percorrem o subconsciente coletivo de uns e outros (o neoliberalismo, o Banco Mundial, o capital, o Sistema, os empresários ou a religião) quem define o sentido último da educação. Essa é uma tarefa dos professores e professoras que fazem parte do dia a dia da formação dos estudantes. (BERAZA in FORTUNATO. 2019. p. 8)

4 Esmeralda e o combate ao tradicionalismo

Esmeralda, junto com Quasímodo são os protagonistas da história ela subverte muitos dos discursos ideológicos impostos a mulheres de maneira geral. Inicialmente já se apresenta como uma mulher negra⁵ fato raro até então para os filmes da Disney, que foi e é bastante criticada por ter em muitas das suas animações princesas e príncipes estritamente brancos, não garantindo ou oportunizando a presença de personagens de outras etnias. É importante salientar que não existe uma ideologia única e hegemônica, mas também existem contra ideologias, que combatem as ideologias dominantes e o *status quo* da sociedade. Consideramos as ações de Esmeralda como contra ideológicas na medida em que conseguem enfrentar preconceitos e discriminações.

Figura 3 - Esmeralda de perfil



Fonte: <https://i.pinimg.com/originals/14/ba/7e/14ba7ef8834748b2a1cc206b2968432e.jpg> Acesso em 11 de março de 2024.

A personagem Esmeralda questiona o papel do feminino, da “mocinha” ao ser retratada como guerreira e guerrilheira, afinal ela enfrenta o alto clero da igreja, ousando os desafiar, chegando a dizer publicamente que Frollo falava de justiça, mas era cruel com quem mais precisava, trazendo a ira e revolta do juiz.

Na adaptação da obra de Vitor Hugo os roteiristas optam por dar um final diferente para Esmeralda, construindo um par romântico entre Esmeralda e Febo (Capitão da Guarda).

⁵ Apresenta ainda, outros aspectos estereotipados de muitas das princesas da Disney e afins, como o cabelo liso, corpo magro e heterossexual. Ponto de intersecção que reforçam ideologias de veneração e valorização a apenas um modelo ou tipo de corpo. Aquele padronizado socialmente.

Quasímodo corcunda nutria sentimentos e amores pela cigana, assim, nos questionamos por que Esmeralda nessa versão não pode ficar com Quasímodo, logo, quem tem direito ao amor nessas histórias⁶.

Assim, muitos desses contos contribuem para a manutenção da ideologia de ideais de beleza estereotipados, sobretudo quando correlacionam essa beleza com a felicidade de um relacionamento e aceitação social. Logo, Fifi e Lumiere (**personagens da Bela e a Fera**) tem o direito a essa aceitação, diferente da Guarda-Roupa, Horloge e Lefou, (**também personagens da Bela e a Fera**) assim como Ariel merece o príncipe e Úrsula (**personagens de A pequena sereia**) apenas a inveja e a ganância, da mesma forma como Cinderela merece ir a festa, enquanto a fada madrinha apenas providenciar suas roupas a partir de magia e assim como Branca de Neve merece o príncipe enquanto os anões não merecem princesas. (SILVA, 2023. p.90. **Grifo nosso**)

Figura 4. Frollo assediando Esmeralda



Fonte: https://encrypted-tbn0.gstatic.com/images?q=tbn:ANd9GcRBXMUtVb7yQxZIA4ePh6afxLxwNx6GQrMe_YQj_yf-LfKmee0ukN650ZcVVvPOxzGHExo&usqp=CAU Aceso em 11 de março de 2024.

Também temos que expor a objetificação feminina reproduzidas em falas machistas e discursos sexistas como quando Frollo se refere a Esmeralda como: [...]“Cigana do inferno, você vai escolher; Meu beijo tão terno, ou no inferno arder!”[...] (disponível em <https://www.letras.mus.br/o-corcunda-de-notre-dame/982207/> - data da captura 15/02/2024) vemos que reproduzindo uma fala machista, o juiz não dá opção para Esmeralda, ou o beija ou receberá algo pior que a morte.

⁶ Na verdade, ela não precisava ficar com ninguém

Se fizermos um movimento para a contemporaneidade, perceberemos a atualidade dessa passagem do filme, situações que as mulheres vivenciam em que apenas os desejos dos homens que importam. Essa realidade hoje se materializa na quantidade de mulheres que são assediadas e estupradas diariamente sem que se leve em consideração sua vontade ou seu desejo. Além do mais, vemos mais uma vez uma mulher negra sendo assediada e precisamos levar em consideração esses aspectos de interseccionalidade quando nos referimos a mulheres tanto cis como mulheres trans, expandir o conceito de feminino e falar de todas. Eisenstein, *apud* Collins (2020, p. 35), habilmente relata que “Quando ativistas dos direitos civis falam sobre raça, aprendem que precisam pensar também em classe. Quando as feministas antirracistas tratam dos problemas relativos ao racismo de gênero, também devem incluir classe.”

Figura 5. Quasímodo, Esmeralda e Febo (montado no cavalo)



Fonte: <https://amenteemaravilhosa.com.br/o-corcunda-de-notre-dame/> Acesso em 11 de março de 2024.

Frollo na verdade está apaixonado por Esmeralda, porém tenta diminuí-la dizendo que isso é uma feitiçaria dela para com ele e não um desejo seu. Nesse momento a análise que fazemos é que é mais fácil responsabilizar a mulher pelos desejos. Como se dissesse: eu só estou agindo assim por causa dela, o fato dela usar decote me dá o direito de olhar estaticamente para os seus seios. O problema é sempre o feminino e o corpo feminino, nunca o masculino. É mais fácil culpar as mulheres do que educar os homens.

Considerações finais

Nesse ensaio, problematizamos alguns aspectos ideológicos como o machismo, a xenofobia, capacitismos, presentes na animação “*O corcunda de Notredame*” tomando como ponto de partida a questão: o que nos torna humanos?

Partimos do pressuposto de que o acesso a arte em suas diferentes linguagens se configura como importante momento no processo de humanização. A arte humaniza ao possibilitar a materialização de desejos, anseios, necessidades a partir da sensibilidade, do corpo, imaginação e criatividade.

Trabalhar com o cinema na escola pode propiciar a comunidade escolar um espaço para a fruição estética e, ao mesmo tempo, ser o desencadeador de uma apreensão crítica e ativa de problemáticas polêmicas e desafiadoras para a formação das novas gerações. Os contos ao passo que nós reconhecemos e nos encantamos com personagens e relações interpessoais, também compreendemos as implicações ideológicas presentes neles e como podemos nos apropriar dessas discussões e media-las com nossos estudantes, professores. Quiçá a informalidade que os contos carregam possam garantir um diálogo mais fecundo e prazeroso também durante os momentos de formação, no cotidiano das nossas salas de aula e outros espaços formativos.

Dessa forma é importante que os professores tomem uma posição mais crítica e ativa perante os filmes de animação, para poderem refletir de maneira mais sistematizada sobre os discursos ideológicos presente nos mesmos.

Referências

ARAÚJO, S. M. *Para filosofar*. São Paulo: Scipione, 1995.

AZEVEDO, Fernando. *Literatura Infantil e Leitores. Da Teoria às Práticas*. 2ª Edição Revista e Ampliada. Lulu Press, Raleigh, N. C. ISBN: 978-1-326-10972-1. 2014.

BRANDÃO, N.A, A questão da Ideologia em Antonio Gramsci. *Revista trabalho & Educação* – Vol. 16, nº 2: jul / dez – 2007.

COLLINS, Patricia Hill. BILGE, Sirma. *Interseccionalidade*. 1. ed. - São Paulo: Boitempo, 2020.

FORTUNATO, I, IBERNON F, NETO S. *Formação permanente de professores: experiências ibero-americanas*. São Paulo: Edições Hipóteses, 2019.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: Saberes necessário a prática educativa*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2016.

LIBÂNEO, J. C. *Didática*. São Paulo: Cortez. 1994.

MARX, Karl. *Ideologia Alemã*. São Paulo. Editora Martim Fontes, 1998.

SCORSI, R. de Angelo. Cinema na literatura. *Pro-Posições*, v. 16. n. 2 (47) - maio/ago. 2005.

SILVA, P. W. de O.. *Ideologia, cinema e formação docente: O que não te contam sobre os contos de fadas*. Crato-CE, 2023. (Dissertação. Mestrado Profissional em Educação) Universidade Regional do Cariri , Crato/Ce.